

Parte II - Sistema retórico:
elocutio

Elocutio: estilo e arte do orador

Ana Lúcia Magalhães

A maneira mais explícita de o orador fazer ecoar o poder das palavras está no modo como as emprega no discurso, na maneira como trabalha adequadamente em um ato retórico.

Luiz Antonio Ferreira

Considerações iniciais

O objetivo de um orador é cumprir seu propósito discursivo de modo adequado e eficaz para produzir convencimento ou persuasão em um auditório. Esse propósito, em um ato retórico, é efetivado por meio de três elementos tradutores de intencionalidade, resumidos por Cícero *apud* Reboul (2004)¹, como a) *docere* (instruir, ensinar), o lado argumentativo do discurso; b) *delectare* (agradar), o lado agradável, humorístico e c) *movere* (comover), aquilo com que ele abala, impressiona o auditório.

A intencionalidade do orador, segundo Reboul (2004), é expressa no discurso em etapas bem distintas que foram especificadas por Cícero (106 a.C. - 43 a.C.) e Quintiliano (35 d.C. - 95 d.C.):

1. a *inventio*, que embora possa “ser invisível para o auditório, é a descoberta de coisas verdadeiras ou verossímeis que tornam uma causa provável”². É a busca que o orador faz, o inventário de todos os argumentos e de outros meios de persuasão relativos ao tema do seu discurso³;

1 Cícero *apud* Reboul, 2004, p. XVIII.

2 Ferreira, 2010, p. 56.

3 Reboul, 2004, p. 43.

2. a *dispositio*, que é a ordenação e distribuição desses meios, ou seja, o que deve ser mostrado e em que lugar. É a etapa textual em que “se organiza o modo de dizer os argumentos inventados”⁴;
3. a *elocutio*, que é a escolha e localização dos termos e sentenças adequadas à invenção. “Não diz apenas respeito à palavra oral, mas à redação escrita do discurso, ao estilo”⁵;
4. a *pronunciatio*, que é a forma de dizer, a “proferição efetiva do discurso”⁶;
5. a memória, que é a conservação das ideias ao espírito.

O Quadro 1 resume as etapas do discurso retórico.

Quadro 1. Etapas do Discurso

	Etapas do Discurso	Descrição
1	<i>Inventio</i>	Encontrar o que dizer.
2	<i>Dispositio</i>	Colocar em ordem o que foi encontrado.
3	<i>Elocutio</i>	Evidenciar o estilo, acrescentar o ornamento das palavras, valer-se das figuras e evidenciar a intencionalidade.
4	<i>Actio</i>	Tratar o discurso como um ator: gestos, dicção.
5	<i>Memória</i>	Conservar as ideias, as palavras, a disposição ao espírito.

Fonte: elaborado pela autora com base em Aristóteles (*Arte Poética e Arte Retórica*, s/d)

Um orador, então, inventa, organiza e, depois, exprime suas intenções na *elocutio*:

- a. Quando a intenção é ensinar (*docere*), o foco do discurso deverá ser o *logos*⁷ e, dessa forma, haverá um reforço dos elementos racionais. O texto terá uma apresentação menos passional e os argumentos aparecerão de maneira mais plausível. É evidente que, nos processos argumentativos, o *pathos* não deixa de estar presente, mas aparece com muito menos ênfase se for essa a pretensão.

4 Reboul, 2004, p. 43.

5 Reboul, 2004, p. 44.

6 Reboul, 2004, p. 43-44.

7 Logos se refere à argumentação propriamente dita (Magalhães, 2022, p. 219).

- b. Se a intenção é emocionar (*movere*), o esforço discursivo estará no *pathos*⁸, pois se trata de um desejo de conduzir o auditório por meio da exploração das emoções que estarão mais nítidas.
- c. Caso a intenção seja seduzir (*delectare*), a condução persuasiva principal será a de encantar por meio dos recursos da linguagem e o orador precisará demonstrar habilidades de refinamento de estilo que ressaltem, sobretudo, o *ethos*⁹.

A *elocutio* é, então, a demonstração da intencionalidade do orador colocada em palavras no texto. Como o orador só fala para um auditório, é preciso adequar um estilo que esteja de acordo com os desejos, aspirações e compreensão desse auditório à intencionalidade do orador, isto é, especificidades oratórias e disposições do auditório. Em outras palavras, há uma negociação das distâncias¹⁰ entre orador e auditório.

Conforme afirma Reboul (2004),

A elocução, em sentido técnico, é a redação do discurso. Das quatro partes da retórica, diz-nos Cícero que esta é a mais própria ao orador, aquela em que ele se exprime como tal. Tese esta que vale para toda a produção literária: faço um livro; posso ter muitos conhecimentos e muitas ideias, um plano magnífico, mas meu livro não será enquanto eu não tiver escrito; e quem sabe se, uma vez escrito, não exibirá outras ideias e plano bem diferente do que eu tivera no início? O verdadeiro salto criador está entre a obra escrita e aquilo que a opera¹¹.

A *elocutio* e o *logos*

Considerando que a *elocutio* é a expressão do orador e sua adequação a um auditório, retomamos Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.), quando explica questões relativas ao discurso que devem ser observadas: 1) as provas¹² que constituem o discurso e não podem passar despercebidas, os silogismos e entimemas¹³ e os

8 Pathos, paixões, emoções, em número de 14, emoções que foram motivadas pelo discurso. Vale lembrar que as paixões são especificadas por Aristóteles no Livro II de Arte Retórica.

9 Ethos reside no caráter moral do orador. “A persuasão pelo ethos ocorre na medida em que o orador inspira confiança no auditório e contribuem, para tal, o mostrar-se sensato, sincero, simpático, digno de confiança e com disposição a auxiliar o leitor que, por sua vez, reveste-se de sentimentos que o orador nele despertou” (Magalhães, 2019, p. 21).

10 Meyer, 1991.

11 Reboul, 2004, p. 43.

12 As provas fazem parte de um estudo bastante complexo e incluem o ethos, o pathos e o logos.

13 Entimemas são uma espécie de silogismo, normalmente extraídos de quatro lugares-comuns – a probabilidade, o exemplo, a evidência e o signo.

lugares¹⁴; 2) o estilo, que permite dar uma forma conveniente e uma aparência satisfatória ao discurso e que mostra o orador ao auditório e 3) a ação oratória, que faz parte da *Arte Poética* e se preocupa com a voz, os tons, a força, a harmonia, o ritmo e também, em um sentido mais amplo, engloba toda a *elocutio*. O quadro 2 pretende resumir essas questões compreendidas a partir de Aristóteles.

Quadro 2. Questões relativas à *Elocutio*

<i>Elocutio</i> segundo Aristóteles		
Livro I e II da <i>Retórica</i>	Provas	<i>Ethos</i> <i>Pathos</i> <i>Logos</i>
	Silogismos e Entimemas	
	Lugares	Quantidade Qualidade Posição social Outros
Livro III da <i>Retórica</i>	Estilo	Clareza Correção linguística Beleza Conveniência Graça
<i>Arte Poética</i>	Ação Oratória	Voz Tom Força Harmonia Ritmo
	Partes da Elocução	Letra Sílabas Palavra Nome, Verbo

Fonte: elaborado pela autora com base em Aristóteles (*Arte Poética e Arte Retórica*, s/d)

14 Lugares são “grandes armazéns de argumentos, utilizados para estabelecer acordos com o auditório” (Ferreira, 2010, p. 70). Existem: o lugar da quantidade, ligado ao número de evidências a favor do argumento; o da qualidade, que se refere ao raro, ao único, em oposição ao comum, ao vulgar, ao corriqueiro; da ordem, ligado à superioridade do anterior em relação ao posterior.

O *logos* é o espaço da demonstração das estratégias, é o lugar em que se colocam os argumentos lógicos ou quase-lógicos, em que o discurso faz sentido e em que as intenções se fazem presentes.

Os lugares são retomados por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1983) no *Tratado da Argumentação* e explorados: os da quantidade, entendidos como uma preferência concedida ao provável sobre o improvável; os da qualidade, que determinam a essência de um ser ou coisa; os da ordem, que classificam os primeiros como os melhores em detrimento dos últimos; os da essência, que indicam a superioridade da integridade; os da pessoa, que estabelecem relação de valorização daquilo que estiver ligado ao ser; os do existente, ligados à qualidade de tudo o que é real ou existente.

Faz parte do *logos* a criação, pela linguagem, de um discurso que atenda às questões levantadas no Quadro 2. A amplitude promovida pelo entendimento da *elocutio*, conforme nele mostrada, faz sentido ao se considerar que é preciso, após as fases da *inventio* e *dispositio*, que o orador execute da melhor forma a condução do auditório, no sentido de captá-lo, conduzi-lo e movê-lo, no processo de tratar de todas as questões retóricas envolvidas, sejam de ordem passional, racional ou ética, sejam no uso de discursos epidícticos, deliberativos ou judiciais.

A elocutio e o ethos

A *elocutio* refere-se ao estilo, mas, como é a expressão mais viva de um orador, não se limita à escolha de palavras bonitas e adequadas, mas, também, à forma de atingir as finalidades do discurso e torná-lo eficaz retoricamente, por meio do posicionamento intencional dos vocábulos, expressões e da ênfase que a cada um é dada. Dessa forma, trata-se de um momento fundamental para a demonstração do *ethos* do orador, pois, ao imprimir intencionalidade, também demonstra uma imagem de si¹⁵ e de sua competência discursiva.

Nesse aspecto o estilo é um efeito, é o resultado do discurso. O *ethos* como impressão de si é elaborado pelo próprio orador no discurso para mostrar-se confiável. É preciso deixar traços de sua honestidade e virtude porque ele sabe o que é esperado pelo auditório e, nesse sentido, o auditório tem autoridade sobre ele. Aristóteles (1991) reforça que a credibilidade é obtida por um senso de justiça, dessa forma, o *ethos* se liga ao caráter, às virtudes¹⁶.

É pela palavra que o discurso do orador é constituído e chega ao auditório e é a *elocutio* que revela seu *ethos* e o lugar de onde fala. O orador, após recolher o material para compor seu discurso e dispô-lo da melhor forma, compõe seu

15 Amossy, 2011.

16 As virtudes, que consistem em trilhar o caminho do meio, são apresentadas por Aristóteles em *Ética a Nicômaco* (1991).

discurso, ou seja, escreve-o para, em outro momento do cânone retórico (*actio*), pronunciá-lo diante do seu auditório. Vemos que o orador, em retórica, existe pelo que deixa transparecer em seu discurso, não pelo que é em essência¹⁷.

Fica evidente que a *elocutio*, conjugada interiormente com a *inventio* e a *dispositio*, é o momento de demonstração plena das virtudes do orador que ganham corpo a partir de três verbos fundamentais: ser, poder e saber¹⁸, cada um deles com foco em uma característica a ser despertada no auditório.

No plano do **ser**, o orador fundamenta seu discurso na demonstração da sua competência, da sua sinceridade e solidariedade. Sob esse aspecto, ele procura ultrapassar o “parecer-ser” e se efetiva com um *ethos* de homem bom e justo.

No plano do **poder**, há o lugar institucional e esse tem marcas da instituição que ele veicula. Assim, o orador autorizado mostra um *ethos* com reflexos dessa instituição, pois fala sempre de um lugar institucionalizado (a igreja, o tribunal do júri, a empresa, a escola, o lugar ocupado na família...).

O **saber** do orador é demonstrado por meio do *ethos* a partir, também, do que percebe como desejável pelo auditório. Trata-se sempre de um acordo: o orador não demonstra saber mais do que o auditório pode absorver, sob pena de não ser compreendido, nem deve mostrar menos do que se espera, sob pena de não ser aceito.

Dessa forma, a *elocutio* mostra que tanto ser como poder ou saber servem aos propósitos do convencimento ou persuasão do auditório.

O salto criador é a *elocutio* que tem força institucional e, como reside entre a escrita e o orador que a opera, pode conter um *ethos* específico, conduzir o *logos* e ser veículo de paixões.

A *elocutio* e o *pathos*

A presença do orador mostrada por meio da *elocutio* deixa entrever seus pensamentos, sua compreensão de mundo, suas emoções, seus conhecimentos, suas crenças, que se mostram mescladas às paixões e configuram seu estilo. Quintiliano (2021) afirma que o orador, além de conhecer os fundamentos da oratória precisa de muita leitura apropriada, assim acumula repertório de palavras e, com exercícios, pode alcançar um discurso que cause admiração e prazer e essa é a qualidade fundamental do estilo: provocar o prazer da leitura. Por que preparar-se dessa maneira? Quintiliano (2021) esclarece:

17 Ferreira, 2021, p. 66-80.

18 Ferreira, 2019, p. 15-20.

Portanto, desejo atenção com as palavras e preocupação com os assuntos tratados nas causas. De fato, ordinariamente as melhores palavras se coadunam com os assuntos e são apreendidas sob sua luz própria. Todavia, nós procuramos as que são sempre menos conhecidas e se subtraem a si mesmas¹⁹.

A escolha das palavras é assunto particularmente importante para Quintiliano (2021), pois elas podem atrair o auditório, assim como afastá-lo. Tanto Cícero (2021) quanto Quintiliano (2021) trabalham o *pathos* quando comentam sobre a *elocutio* associada à paixão, aos sentimentos quando tratam das figuras e do ornamento. Aliás, Quintiliano (2021) dedica boa parte de seu texto sobre *elocutio* ao que chama de *ornatus* (adorno, ornamento), que se constituiria em recursos ligados às figuras, ferramentas de persuasão relacionadas às funções do orador - convencer, mover e deleitar:

A sua utilidade é grande e múltipla e não há obra oratória onde elas não tenham um papel de relevo. Embora pouco pertinente para a confirmação saber se a alcancei por meio desta ou daquela figura, são essas figuras que tornam plausível o que nós dizemos e conseguem penetrar no espírito dos juízes, até mesmo onde a sua atenção não estava desperta²⁰.

Cícero (2021), de certa forma, sem se afastar do *pathos*, pragmatiza a retórica aristotélica, pois, embora fiel aos preceitos de Aristóteles, reforça o desenvolvimento da *elocutio* por meio de um aprofundamento proporcionado pelo uso das figuras, da estilística e da beleza da palavra de modo geral, características que serão mais valorizadas pelos neo-retóricos.

Nesse sentido, cabe ao orador despertar no auditório paixões e emoções representadas por alguns pares antitéticos: amor e ódio; calma e desespero; medo e confiança; prazer e desprazer; justiça e injustiça; moralidade e imoralidade; certo e errado; belo e feio entre outros.

Elocutio e Estilo: docere, delectare, movere

Ainda associada ao estilo, a *elocutio*, como vimos, trata da clareza com que deve ser enunciado o discurso que envolve a escolha das fórmulas mais adequadas para que ele seja harmônico – “estabelecamos que a excelência do estilo consiste na clareza deste. E o que o indica é que se o discurso não torna manifesto o seu objeto, não cumpre sua função”²¹. Além dessa primeira característica, mais quatro

19 Quintiliano, 2021, p. 301.

20 Quintiliano, 2021, p. 301.

21 Aristóteles, s/d, p. 156.

aspectos são importantes: evitar o uso de termos impropriedades; afastar a frieza de estilo; proporcionar compreensão do discurso a partir principalmente do uso de figuras, especialmente a metáfora; tratar de maneira distinta o texto escrito (mais exato) do falado (mais dramático), que são diferentes. Essas características estão muito próximas do que dizia Aristóteles na *Arte Poética*.

É verdade que o estilo poético não será porventura rasteiro, mas nem por isso é apropriado a um discurso de prosa. [...] Na poesia este efeito é produzido por muitos elementos, e é sobretudo aí que tais palavras são ajustadas, pois esta está mais afastada dos assuntos e das personagens de que o discurso trata. Na prosa, porém, tais recursos são menores, pois o tema é menos elevado. Na prosa, o que é apropriado pode ser obtido igualmente quer concentrando quer ampliando²².

Outros aspectos do estilo referem-se ao ritmo oratório, à beleza do texto, à objetividade, à correção, à conveniência ou não, à graça e urbanidade, cada um deles autoexplicativos, nesse contexto.

Em outra perspectiva, a *elocutio* trata da língua, ou seja, é a redação do discurso, mas é, sobretudo, “um conjunto de sons significativos, algumas partes das quais têm a significação por si mesmas, pois nem todas as locuções são constituídas por verbos e nomes”²³. Embora possa se parecer à *actio*, Aristóteles diz textualmente dessas como partes da *elocutio*.

Cícero (2021)²⁴ estabelece quatro qualidades da *elocutio*, que se aproximam de Aristóteles: correção, clareza, propriedade e ornamentação. Comenta também as figuras e as subdivide em “figura de pensamento”, que têm a ver com o conteúdo e subsiste caso se possa utilizar outras palavras e “figura de elocução”, que está ligada à materialidade das palavras empregadas. A *elocutio* é a adaptação das palavras às sentenças, às invenções.

Podemos dizer, com base nesses aspectos, que é na *elocutio* que a retórica se encontra com a literatura. Aristóteles já comentava sobre o uso das figuras retóricas que mais representam a *elocutio*, embora não fossem as únicas responsáveis por ela. Observemos que cada autor escolhe algumas figuras como as mais relacionadas à *elocutio*. Esse filósofo, por exemplo, cita a *símile*, a *metáfora*, a *analogia* e o *paradoxo* como as que mostram a elegância do discurso e já as apontava na *Arte Retórica* e na *Arte Poética*.

Em resumo, o orador tem, à sua disposição, meios de ordem racional (como o silogismo e o entimema, por exemplo) a fim de convencer, bem como meios de ordem afetiva (as paixões). Os meios decorrentes da afetividade são os relacionados ao caráter do orador e à disposição do auditório.

22 Aristóteles [Ret., livro III, cap. 2, 1404b], 1998.

23 Aristóteles diz, no Capítulo 20 da *Arte Poética*, que essas são as partes da *elocutio* (Aristóteles, s/d, p. 272).

24 Cícero, *De Oratore*, 2021, p. 79.

Vale lembrar que o próprio Cícero (2021) adverte que se deve conferir a um texto a vivacidade, sem a qual o auditório poderá se afastar:

Trata-se, pois de um discurso que **autoriza** a verdade desses feitos. O seu recurso fundamental para tanto é a representação que os coloca diante dos olhos dos leitores, por meio de uma composição assentada na **vivacidade** do que se narra, de tal modo que se *imagina* testemunhado pela vista, no exato presente da leitura²⁵.

O orador sempre precisa captar a benevolência dos ouvintes/leitores por meio das palavras. Dessa forma, somente o orador pleno, um homem prudente e com as características levantadas neste capítulo estaria apto não apenas a produzir o discurso de modo a deleitar seus ouvintes/leitores, como também a movê-los na ação virtuosa e no desejo de aprender.

Para tanto, quando o realce está no *ethos* ou no *pathos*, deverá narrar e exibir ações, sem empregar argumentos e seu estilo deve buscar influenciar suavemente as emoções, ao invés de buscar convencimento e aquisição de provas. Deverá amplificar o que é certo ou tido por certo e imprimir um ritmo capaz de satisfazer os ouvidos com o que se pode chamar de harmonia verbal, que corresponde ao estilo médio.

Quintiliano (2021) também reforça as cinco partes do discurso e conceitua a *elocutio* como a mais bela das coisas e, mais do que uma questão de estética literária, está também ligada à arte da persuasão. Dessa forma, a *elocutio* é instrumento a ser recuperado, principalmente ao se considerar que hoje entendemos a Retórica para muito além do estudo das figuras e até as figuras que são entendidas como movimentos retóricos, ou seja, trata-se de complementos retóricos que imprimem ao discurso aspectos persuasivos. Aliás, Quintiliano (2021) viu em Cícero (2021) o maior modelo de orador e elaborou uma resenha de todos os autores que deveriam ser lidos por aqueles que pretendiam ser oradores para que compusessem seu estilo.

Nesse sentido, considerando que os oradores precisam expor seus pensamentos da melhor forma para convencer e persuadir seu auditório, fica claro que quanto mais leituras fizerem, mais capacidade inventiva terão e maior facilidade de criarem seus discursos, de torná-los algo natural. A *elocutio*, assim, é o instante discursivo em que expomos nossos pensamentos, nossa compreensão, nossa realidade.

No livro 8, em que reforça a importância da formação literária do orador, Quintiliano (2021) afirma que, às vezes, existem oradores claros, mas não suficientemente eloquentes. Para ser claro basta dizer o necessário, mas para ser eloquente é preciso uma linguagem ornamentada sem ser rebuscada. Esse equilíbrio deve salientar a beleza da palavra, o estilo.

Quintiliano (2021) diz que a *elocutio* está nas palavras e entre invenção e elocução encontra-se a ordenação. Reforça que é a mais difícil das artes e que não

25 Cícero, De Oratore, II, 62, 2021, p. 151 (grifos nossos).

conheceu nenhum orador que dominasse realmente a elocução, pois depende de muitas leituras. Faz parte da *elocutio* a elegância do estilo (aspecto mais belo do discurso, desde que não afetado), a atenção com as palavras e uma preocupação com os assuntos. O orador que conheça os fundamentos da oratória, com muita leitura apropriada será capaz de acumular repertório de palavras e, com exercícios, alcançará um discurso que cause admiração e prazer.

Dessa forma, Quintiliano (2021) vai além de Cícero (2021) e elabora um sistema, uma teoria para o desenvolvimento da *elocutio* que inclui: 1) abundância de argumentos e palavras para que o orador possa proferir seu discurso (*eloqui*); 2) transmissão de tudo o que pensa; 3) clareza, que deve ser manifestada por palavras isoladas (claras, elegantes e bem ordenadas) ou palavras que combinam (corretas, dispostas adequadamente e adornadas com figuras convenientes).

Lembramos que tanto Cícero (2021) quanto Quintiliano (2021) trabalham o *pathos* quando comentam sobre a *elocutio*, uma vez que ela expressa a paixão, os sentimentos por meio das figuras e do ornamento. Aliás, Quintiliano (2021) dedica boa parte de seu texto sobre *elocutio* ao que chama de *ornatus* (adorno, ornamento), que se constitui em recursos ligados às figuras, ferramentas de persuasão relacionadas às funções do orador - convencer, mover e deleitar:

A sua utilidade é grande e múltipla e não obra oratória onde elas não tenham um papel de relevo. Embora pouco pertinente para a confirmação saber se a alcancei por meio desta ou daquela figura, são essas figuras que tornam plausível o que nós dizemos e conseguem penetrar no espírito dos juízes, até mesmo onde a sua atenção não estava desperta²⁶.

Considerações finais

A *elocutio*, conforme vista neste capítulo, faz parte da divisão da Retórica realizada por Cícero (2021) e Quintiliano (2021) e envolve *ethos*, *pathos* e *logos*. No que se refere às funções da retórica, compreende três ordens de finalidade: o *docere* (relacionado a ensinar, transmitir noções intelectuais), o *delectare* (agradar, manter a atenção do auditório) e o *movere* (comover, atingir os sentimentos, movimentar as paixões humanas)²⁷.

Relembrando Aristóteles, Quintiliano (2021) coloca como qualidades da *elocutio*: “a clareza, a propriedade das palavras, a ordem correta, a conclusão não demasiadamente longa, assim que nada falte nem nada seja supérfluo: que

26 Quintiliano apud Miranda, 2014, p. 257-267.

27 Ferreira, 2010, p. 15-16.

o discurso seja aprovável pelos entendidos e compreensível para os leigos”²⁸ e da mesma forma como o estagirita, considera que o grande objetivo do discurso é “provocar admiração”.

Os sinais gráficos utilizados na *elocutio* são também indícios sensoriais que criam e recriam experiências humanas, que dão novas perspectivas ao já conhecido, que inovam o conhecimento e criam um repertório crescente de experiências racionais e emotivas.

Nesse sentido, a *elocutio* possui uma função muito clara no sistema retórico: alterar percepções, ampliar o entendimento e criar, no leitor, experiências estilísticas para atingir uma finalidade por tornar o discurso claro, persuasivo, elegante e eficaz.

Embora haja orientações abalizadas para a composição da elocução em um texto, não é possível fixar regras rígidas para o desenvolvimento estilístico. O objetivo é sempre tornar o texto eficaz para comunicar experiências autorais significativas. É sempre possível, para qualquer orador, comunicar suas experiências, colocá-las em uma estrutura interpretativa, justificar seu modo de ver o mundo de modo plausível, mas há habilidades interiores que o singularizam pelo estilo, pelo uso das palavras na frase, pelo modo como promove o sentir no auditório. É a elocução que promove, por exemplo, Machado de Assis, mas é ela também que mostra a maldade humana.

Referências

- AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. 4ª. ed. Tradução por Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto, Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1998.
- ARISTÓTELES. **Arte poética**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro Clássicos de Bolso, s/d.
- ARISTÓTELES. **Arte retórica**. Livro III, 14ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro Clássicos de Bolso, s/d.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução por Leonel Vallandro e Gerd Borabeim. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- CÍCERO, Marcus Tullius. **De Oratore**, II. Arma Viumque Editions, 2021.
- FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão**, princípios de análise retórica, São Paulo, Contexto 2010.
- FERREIRA, Luiz Antonio. **Inteligência retórica, *ethos***. São Paulo: Blucher, 2019.
- FERREIRA, Luiz Antonio. **Inteligência retórica, *logos***. São Paulo: Blucher, 2021.
- MAGALHÃES, Ana Lúcia. Artimanhas do *Ethos*. In: FERREIRA, Luiz Antonio. **Inteligência retórica, *ethos***. São Paulo: Blucher, 2019.
- MAGALHÃES, Ana Lúcia. *Inventio* em O Nome da Rosa. In: BUTIERI, Kathrine, FERREIRA, Luiz Antonio. **Sistema retórico: *inventio***. São Paulo: Blucher, 2022.
- MEYER, Michel, **A Problematologia**, Lisboa, D. Quixote. 1991.

28 Quintiliano, 2021, p. 221.

MIRANDA, Margarida. Da Espada Embainhada à Espada em Riste – Doutrina do Estilo em Quintiliano. **Revista Humanitas**, 66, 2014, p. 257-267.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. 3. ed. Tradução por Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

QUINTILIANO. **Instituição oratória**, Tomo III. Coleção Fausto Castilho de Filosofia – Série Multilíngues. Campinas, UNICAMP, 2021.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. 2^a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.